

EU NÃO SABIA ONDE FICAVA MIUZELA. DESDE AGOSTO PASSADO QUE JÁ SEI: É UMA ALDEIA NO INTERIOR PROFUNDO DE PORTUGAL, NO CONCELHO DE ALMEIDA, DISTRITO DA GUARDA. FUI LÁ POR SER MIUZELENSE UM DOS FÍSICOS PORTUGUESES MAIS NOTÁVEIS DO SÉCULO XX, JOSÉ PINTO PEIXOTO (1922-1996), PROFESSOR DA UNIVERSIDADE DE LISBOA E ESPECIALISTA EM GEOFÍSICA.



DE MIUZELA Para o Mundo

Carlos Fiolhais

Peixoto doutorou-se no MIT (de facto, a defesa da tese foi em Lisboa, mas quase todo o trabalho foi feito no MIT) e trabalhou mais tarde em Princeton. Um dos seus colegas e amigos do MIT foi o físico norte-americano Edward Lorenz (1918-2008), o autor de uma célebre formulação da teoria do caos, segundo a qual o bater das asas de uma borboleta pode originar um tornado no Texas. A tese de Peixoto, “Contribuição para o Estudo da Energética da Circulação Geral da Atmosfera”, foi submetida no ano de 1958, que foi declarado pelas Nações Unidas Ano Geofísico Internacional (passadas cinco décadas, 2008 é o Ano Internacional da Terra). O geofísico português foi o autor de um dos primeiros modelos sobre o movimento global da atmosfera, proposto na mesma altura em que no Hawaii, sob a direcção de outro norte-americano, Charles Keeling, começavam as observações sistemáticas das emissões de dióxido de carbono que constituem um grande suporte experimental para os conceitos de efeito estufa e de aquecimento global.

Na escola primária de Miuzela, num dia muito quente, falei para as pessoas da terra sobre o aquecimento global, para o que me preparei com base no manual de Peixoto e Oort “Physics of the Climate”, publicado em 1992 pelo American Institute of Physics, e dos seus artigos de divulgação na Scientific American e na Recherche. Se o famoso Professor fosse vivo (faleceu inesperadamente um ano antes do tratado de Quioto) seria hoje famosíssimo pois os média não cessariam de lhe fazer perguntas sobre o aquecimento global. E ele haveria de responder a tudo, sempre rigoroso e, ao mesmo tempo, sempre bem disposto, pois não há um princípio de incerteza que limite o humor quando se é exacto. O seu rigor alicerçava-se na sua sólida formação matemática, uma vez que se tinha licenciado nessa disciplina antes de se formar em geofísica. Ele

sabia que sem matemática não pode haver física e, por isso, não pode haver geofísica. Nas suas palavras: A matemática está para a física assim como a gramática está para a literatura. A gramática ensina a expressar bem as ideias, se as houver! Não cria literatura.

Lembro-me bem da primeira vez que o vi, num seminário em Coimbra sobre termodinâmica, de ter sorrido com uma das suas extraordinárias frases: “A senhora da limpeza desentropiou-me o gabinete todo”. A linguagem do Prof. Peixoto, nas aulas ou fora delas, podia ser bastante colorida, como mostra o exemplo que dava da produção de entropia por humanos: “Meus meninos, como fazem para se livrarem da vossa entropia? Sim, puxam o autoclismo”. Tal como o seu contemporâneo Feynman (que, como ele, esteve no MIT e em Princeton) Peixoto era um físico divertido, e algumas das suas tiradas bem podem ser equiparadas às do físico novaiorquino. Como disse Lorenz, onde estivesse o Peixoto, o ambiente mudava. Uma alteração climática local, portanto.

A Associação Casa de Cultura Prof. Dr. José Pinto Peixoto, sediada em Miuzela, distribuiu no dia em que lá fui prémios aos melhores alunos do ensino primário local. Essas distinções servem para lembrar que o seu patrono era filho de professores primários e estudou em Lisboa no Instituto do Professorado Primário. Mas essa associação tem também um prémio nacional para o melhor aluno do secundário, que tem sido ganho por alunos de vintes.

Se graças ao Prof. Peixoto Miuzela já estava no mapa da ciência mundial, com estes prémios está hoje no mapa da educação nacional.

Carlos Fiolhais é professor da Universidade de Coimbra, sendo director da biblioteca dessa Universidade. É um grande divulgador de ciência, autor de muitos livros, nomeadamente “Física Divertida” e “Nova Física Divertida”.